

SEMATA

POEMA LÍRICO NÚMERO DOZE

Reconheci-me como poeta quando li
Rimbaud um dia (após muitos versos).
Quando fui além dos horizontes dos limiares
de mim e dos limites da alma (pela palavra, essa
via, veia, músculo da inquietude do ser).
Pois a poesia são reflexos de lâminas
nos músculos da alma.

Os ensinamentos da árvore
a filosofia dos ramos
o ímpeto do lenho
a sociologia dos galhos
a epistemologia da linfa
e a democracia da raiz
(arraigada no homem
arrancados da morte).

Quando faço ver o vento
tocando harpas de nuvem, vejo poesia.
Levantou o amaro rumor do ar o pássaro
ergueu o mar quebrado a onda lauta
Eviscerou a textura do espesso verbo a tarde .

Breu e estrela
abutre e papoula (dístico vital).
Da cinza ao fulgor um passo só.
Quando apetece ir à secreta veia é assim.
Como relâmpago na farmácia
ou flor repetida sem cansaço.

Só

“me é concedido ser coração escuro da dor”
só à vida oferecer lágrimas de mágoa
(ou como montaleanamente diria
porque não oferecer à vida toda
um madrigal de andorinhas
ao invés de um madrugal arguto de ilusão?).
O que não nasce e não morre é o amor
e se escurece ou se entocasse arde
porque quem o guia para ninguém
é o desatinado coração do verbo.
A metade vermelha do meu coração dei para quem?
Para leitora difícil que me dê totalmente
a metade de seu coração vermelho também.

Como entreabertas lâminas (o fio reluzindo)
ou escurecidos aromas
como cravos multiplicando-se
(da carne de Cristo)
ou portos arrancados do túmulo marítimo.

?

Quem ao relance de um grito, quem
ao relâmpago de um sêmen (jato vivo)
realiza a treva chamada gozo?
Porque o coração escuro é o mesmo da alvura.

Ah!

Melhores caminhos o levam a lugar algum.
Só Ninguém os percorre, reconheço.
Assim amputa.
Amputa dos paradoxos o dilema
Exila a verdade.
Então fragmentaria o poema e o salvaria
da vala comum das rimas.

SITUAÇÕES

Ulisses lamenta deixar Nausicae.

Heitor sabe que vai morrer.

Aquiles remoi sua ira enquanto afina a espada.

Ai, geme o porqueiro Eumeu, como sói ser assim
amigo empregado de Odisseu.

E Argos que de soslaio viu e reconheceu Ulisses
para logo a larga sombra da morte coagular-lhe os olhos
múltiplos e fiéis.

Sob disfarce astuto de mendigo nato Ulisses
penetrou seu palácio ítaco sitiado por
pretendentes (que penetravam Penélope).

E a cicatriz inlavável denunciou o grego.

(A cicatriz é sinal de carne que o
envelope dos trapos cobre).

E Penélope (a infiel?) reconhece
o cavalarião herói no leito talhado por ele
de um tronco de oliveira (azeitado por sêmen astuto).

ANGINA

Seivas exiladas

em tomos de abracadabra

contraífeccões de rima

exílios silvestres azuis

paraísos com pomos de lima

gônadas turvas ávidas crinas

tudo prenuncia a acre

concisão de medulas

ácido deleite da fartura

nas gengivas do lipídio

mora o sorriso do abismo

enquanto infartos concomitentes acumulam-se

com anginas pectoris papais

nas curvas de cálcio das artérias.

Vivo a inventar pássaros
(do teatro do Retiro a cena voa)
ouvir missa in illo tempore de Montiverdi)
e estou bem enquanto
(mesmo durante a morte)
evitar paranoia de purgatórios
além de improváveis estações do inferno.
Onde a parada dura.

Tantos aléns me cercam (e caem em mim)
montanhas de touros e estigmas pesados
das tardes abandonadas do mundo.

Pomares de silêncio e auroras perversas cultivo
acredito no tempo dos caules
e em horas de lenho
não na vez dos frutos.

As pálpebras do abismo são ilícitas
e velozes
fonte sonâmbula (como a que possuo no Retiro)
emite rios de fulgores que tornam
a luz das trevas verossímil.
Abismos de claridade abrem-se
a meus pés diabéticos sempre com furores.
Só sei que a natureza se aconchega sábia
no colo tenaz de Anúbis.

De amaros candelabros e cegos retiro
lições de escombro.
Enquanto ladro de cães despedaça céus
eu aprendo, aprendo, aprendo
com as tardes carnívoras do meu corpo
e dos abandonados bares de Boa Viagem
(onde jaza a alma).

Estátuas embriagadas ainda do gesto demiúrgico
ávidas do golpe de metalurgia e relâmpago
(ou do excesso que Michelângelo sabia onde estava)
sob dobre de fagulhas - e metais vadios
que fuzilara os olhos das estrelas
e cegou esteta que primeiro registrou
as convulsões da aurora (agonia da luz)
e devastou escriba que manejou a palavra
talhou o clamor engendrou o grito
surpreendeu a manhã na relva do prado
arrastando-se como corça despedaçada por tigres gramíneos
e viu a luz pairar sobre sábados rebeldes
e viu o céu aviçar domingos tesos.

ÁLIBIS DA NÁUSEA

Nessa noite em que astros já não gotejam
em que a aridez do escuro espanca a alma
em que nem frágil rumor de vida escapa
e sílabas do coração estancaram
em que a selva oprime feras
e o sono dos olhos escasseia

em que a lua desiste de pairar soberana
(para escandir nuvens sonâmbulas)
fui o primeiro a procriar abandono
a me deleitar no colo de anjos sujos
a me anuviar e morrer.

REVISÃO DO SÉCULO XXI

Imposições morais decupam gostos
crimes retóricos crucificam códigos
imprecações bancárias infelicitam credos
desnudamentos do ventre alagam mercados
pairam sobre estacionamentos luvas módicas
pausas céticas desvendam intervalos puros
imobilizam bolsas humores engravatados
param trens folhetins diários
lavram cruces coveiros entediados
prosperam ramificações de escaninhos
nas portarias de ministérios imorais
alimentam insônias imposições rurais
leilões venais enriquecem o erário
cremes retóricos torcem argumentos de manteiga.

Acrópolis agonizando gritam enquanto chameja sangue
dos pátios e velas dos claustros
gemem pórticos, arcanjos escapam
dos sarcófagos pelas ameias fúnebres
bátegas de ruas esquartejam o trânsito
ratos apodrecidos reis incineram
faustoso traseiro das mansões azuis borra-se
quando magnatas degenerados comemoram
elevação dos índices da miséria global
absoluta pobreza campeia, juro sobem
como foguetes do Cabo Canaveral da Wall Street
triunfam injúrias, injustiça vende-se
a cada esquina tribunais de nojo afagam-se
o pranto das togas é de níquel barato
velozes ralos da infâmia rolam
e nobrezas dão os braços a esgotos.

À LETRA DO ESPÍRITO

Alba negra perambula na calçada
e deixa rastros de arado no espírito.

Dos jardins de vivas náuseas viceja
e crava nos rostos retardatários
a beleza de uma aurora negra.

Negra alba deixa
nos punhos brancos registros
da desídia da noite
e naipes de desespero e ronco de porcos
no hábito meditando dos monges.

Frágil unguento (oráculo do coito)
traz no peito medalhas de papoula
e ébrias comendas banhadas
do êxtase das noites devassas.

A noite é um ritual
(espancado de luzes)
a sombra sumo sacerdote.

TRIO DE POEMA

(SÁCER)

Claridade é um punhal.

Rosto de água obscena.

Rituais anisis (nunca azuis).

COMPÁSSAROS NOCORAÇÃO

(fragmentos)

Ósculo de sol nas corolas (e garoas)

rendas de luz nos estames e compêndios

a volúpia dos pecíolos

possuindo os cálices

taças de aroma brinda o vento

a nossas narinas intumescendo

círculos de sal nas calçadas de giz

cálculos das órbitas perfeitos de Proust ou Copérnico

écrans escuros coagulados
ante músculos árdus da claridade
anúncios de pássaros no coração.

CREDO

Creio no naufrágio dos abismos
(e em solecismos – que rimem)
creio que tudo foi naufrágio (como Neruda)
creio em épura e paráfrase
creio em sílaba branca e fúria epifânica
creio na sombra de Platão
sepultada no túmulo da ideia
e na clavícula de Aristóteles creio.

Li e vi em túmulos etruscos
num portulano dilacerado (e ateu ainda)
nome vagando de rio em rio.

LAMENTAÇÃO DE VÊNUS

eu choro a Adônís
que no tártaro jaz
longe de mim

que nos braços de Pérsefone adormece
longe de mim
cativo das sombras de épuras

Adônís pálido da morte
é belo ainda
(vivo em mim)

do fixo olhar (coagulado)
brilho fugaz
ainda se flagra

é morte ou sono
que seu corpo possui?
(ainda duvido).

POEMAS IMPROVÁVEIS

(ATÉ CONTRAPROVA EM FAVOR)

Há no rio memórias já lavadas
de impurezas cruas e demoradas
há sobre a água lumes líquidos e lendárias
incrustações de silêncio acorrentadas
a estilhaços de agudos sais.

Há labaredas rondando a madrugada
um pátio de calma, uma alma só e a lua
além do rumor de sede que se abre
do vórtice de teu êxtase.

Há uma certa dúvida
e indagações fatigadas.
Talvez secretas convulsões de ira célere
talvez ilusões de muro
e cílios de trompa ou o amor
que sem saber o que é já arde.

à memória da água

HOJE VOU ESCREVER SOBRE ABUTRES.

NÃO É TEMA CULINÁRIO, AVISO.

Este é um poema de tirar o fôlego de leitor musculoso, de suspender o juízo e abrir a porta das ideias.

Este poema transforma o espírito, transcendentaliza.

É gloriosamente metafísico.

Traz em si (e para leitor) desapego egoico.

Toca a própria eternidade um pouco. E um pouco de eternidade é ótimo. E muito.

Acho a suspensão do fôlego e exclusão do juízo elementos vitais a qualquer poema (absoluto).

Mas, onde está o poema, qual seu lócus?

O poema está no poeta, na obra de arte verbal escrita (não declinável), no mundo e no "leitor", como um todo. São contextos de recepção, horizontes de fusão. E é único o poema, como a rosa. Só há a rosa perfeita e única (qualquer, só poeta sabe-o).

Ó vidas consumidas num átimo (nada ático) enfermo, inglório
de vaidade e desperdício (e consumismo narcísico)
num sítio de fé lucrática e cismas frias
pois a esperança do lucro move-me a dias absolutos.

Vivo da usura diária de comércio e artifício.

Há um rumor, porém, que se pressente a cada verbo.

A poesia agoniza, incinera a floresta

mais lenho para a fogueira das vaidades tragam.

Caem cânones como muros caem
agonizam os rijos anjos do desperdício.

Oro à inutilidade do luxo e creio na vida
onde haja sempre disponibilidades e bons vinhos.

Do meu amaro patrimônio e ávido (ou lírico)
e do acervo de meus meios-dias sem ócio morro
na defesa.

Há madames bêbadas de absinto e sábados
há comendas devoradas e nádegas de consulesas azuis na sala.

Nas esquinas do acaso há tâmaras há ratos
eflúvios de nojo e intestinos de chamas
(além de saudades moribundas da cidade amada).

Prédios que crepúsculos demoliram
edifícios de címbalos, podres bandas, êmbolos
turras de sábados à noite e beduínos ébrios
e bisnagas, além de seringas e bandagens, há
pacotes de primeiro socorro de ânsias represadas.

Ao tédio de bismuto e à amante acidental.
A chaminés hirsutas.

Ao que as palavras ainda não disseram
(ou poetas não escreveram)
às rupturas da pureza todas
ao que é porvir e incerteza
a alicerces sem futuro
a cofres arrombados e arcas secas
(de alianças parcas)

à madrugada de mim
(porque não é de prata minha alma).

E o sopro apenas pairou no corpo (e pousou no jarro)
da argila veio o espírito (que é de ágata)
é-me a alma anodizada.

Aços do verão despedaçaram vísceras da tarde
e a impotente noite nos aguarda.

Acetinado arco do teu seio onde repouso
ao redor do viço moro (com a acácia da axila)
do berço de relva do teu pentelho olho o gozo.
Jorro de seda líquida que é frêmito... e alma.

Trampus a nudez
toquei o encontro (das coxas)
(Capibaribe e Beberibe de gozo)
dedos perambulam no púbis
e pelos botões dos peitos se enrolam
à erma (macia e carnívora)
rosa vai a boca buscar
imortal sabor (de cárnea luz).

ONDE COMEÇA O SAL

ET

POESIA: FINALIDADE EM SI MESMA

POESIA : FINALIDADE EM SI MESMA

Conexão de encanamentos de palavras
para montagem de vasos incommunicantes
de sentidos com acoplamentos irracionais
à vista do espírito leitor insistente
ou absurdo (como o prazo da morte

e sistemas de abastecimento da alma
com válvulas amaras (suburbanas)

e aprisionamentos náufragos
e ajustamentos cínicos

ou derramamentos cônicos
sem vazões do destino

bacia sanitária de metáforas
adornada de aromas carnívoros

enfezada de epítetos nus
e filtrações de gerúndios intravenosos
monitorada por gramáticas extraventrais

ralo para paradoxos de feltros prósperos
e dispositivos aveludados (como vaginas)
para transmissões de sibilas náuticas intransitivas
sifão como sinédoque

do outro lado da diatribe
pestanas ósseas pálpebras brancas
catracas e pêndulos para respostas
pistons a reboque do id
maravilhamentos de ferro inconstante

veem-se buquês brancos de náusea solar
pinos de canícula bem à mostra
meios-dias dos juízos finais desolados
e a cor selvagem de um poema
sendo talhado na página.

O TEMPO (VITAL)

O tempo é uma rua de Paris
cheia de pacíficos murmúrios
e rumores de serpente persa
prateada dos vândalos gozos das alamedas
das usinas de absinto estrelado atçada
com uivos verdes de anis
e tédio cintilante como um parto
ou magnólia de Matisse
perdida entre sementes surreais
de tâmaras setecentistas (centesimais)
rua brotando do sopro de uma flauta surrealista
talhada de uma vértebra sublevada de Breton.
Rua, latada, vereda ou horta música e mística
sons de ossos dadaístas
acantonados na Suíça.

As vértebras francesas do tempo aguentam
-sem trema, tremor ou temor (escandinavo)
chusma de espaços cósmicos
fuzilando a rótula da hora.

O tempo além da tâmara
(depois da lis da comuna)
pós-napoleônico e rebelado
vem num junco chinês
(padiola, élitro, mácula, palanquim ou cupê)
pende de uma clavícula de Maiakovski
semelha víscera de Aragon (ou tristeza de Elza)
metade vermelha do coração de Nazim
alado fêmur de Eluard
(com quem a liberdade das horas parece-se).

É uma bandeira que tremula
(tarantela russa, balé de Rasputin)
fincada no abdome de um general qualquer
(servil ao capital que aquartela ditaduras)
como roupa no mais vil varal
expostas a ventos do vilarejo
que Deus esqueceu em Portugal
dos cafundós dos Judas vem ruído de notícias (funda).

É uma balconista boujando (o tempo)
perto de uma sarjeta industrial
(o gas metano da usura alimentando alvoradas de vacas
pálidas como a injúria ou o descompasso
ou peidando como um embaraço).

Ou uma paisagem milimétrica de Funchal
o microcosmo cônico do Curral das Monjas.

Tempo é dinheiro, pragueja o banqueiro
e não se deve perdê-lo com poesia

tempo industrial, cívico, palpável
(sobretudo monetário ou cifrado do inventário).

Tempo é uma gleba
arrendada a um estranho numa feira
duma vila que Deus esqueceu no cós.

Tempo vale
a santa usura de cada dia
tempo não é tâmara nem precisa de aleluia beduína.

SITUAÇÃO

Há um jarro cheio de crepúsculo
na esquina esquerda de teu rosto
(com resto de sol dando ênfase ao rubor
e um brilho meio inclinado
em ângulo amarelo (que se precisa quando
cor cinza invade o reto do olhar).

Cinza de séculos, resto de chagas
cravos esquecidos a pé de cruz
pátinas imensas e lenta ferrugem de horas
e fragmentos de tempo filtrados de ontem
que milênios depositam no odre lasso da alma
além de máculas que espíritos teceram
infinitamente na carne crápula
com linha do pecado (e dedal do lodo).

Cada um possui seu abismo pessoal
(e vulnerável). Nunca o compartilhe.

À alma do lírio.

À suposta poesia (absoluta ou o que seja ou diga).

Lágrimas literais caíram (céus desabaram)
como gredas, nuvens pesadas ou ira de granizo arremessada
da calçada onde quimeras conversavam
sobre ruínosa beleza do último apocalipse
(e o pó veloz que devorou a narina da esfinge
arruinando parte do mistério)
e sobre as formas deletérias do futuro.

Em especial sobre a erosão
da cútis da pedra pelo vento.

VITAL FLUXO (DE INCOSCIÊNCIA)

O dia amanheceu em minhas mãos (escuras). Como um poente, gritou a morte entre meus dedos (encoivarados). Preciso recrutar uma tarde para meus desígnios azuis. A manhã transbordou de pássaros ensolarando-me as mãos de treva. Da terra (ou do mundo) a boca parou.

Estacionaram línguas e salivas no hangar úmido das mucosas As entranhas (brancas e rápidas) dos domingos e o ventre dos relógios se encontraram num velho dicionário pardo (entre dois exdrúluxos verbetes.

Chegou com esse amanhecer manual a náusea, e o cavalo enluarado fugiu do prado alado... e foi às nuvens de basalto, enquanto a graça de porcelana (e asas orgânicas de Brennand) seguiu para o enigma do outro lado, sumindo no infinito (de minha dor sem ventre ou data).

O sangue tropeçou no ímpeto. O silêncio caiu num poço. Tudo despencou do seio já túmido da noite distante como um túmulo. E se assistiu à longínqua passagem do ser, que é noturno. E divino (ou divinizado pelos homens).

II

Ínfima efeméride, vida, sina de pó escuro, desejo que se faz cinza ou fumo vida, essa ilusão à realidade do túmulo que é eterno como a morte. Ficaram somente escórias da glória, restou do escuro esmero do fim da vida adubo de escombro, pote de pó eterno. E após a ilusão de ser o que seremos? Se alma, inóspita, acantonada num inacessível ponto do Nada.

POEMA

O sol talvez regresse e a noite, a doce noite
não mais intumesça (ou enfureça
o olhar cioso da claridade).

Quem garante, a não ser o rigor do levante?

Espero que a madrugada se entusiasme
e o pudor das rosas não disfarce
sua inclinação pelo noturno impreciso
ou apreço pelo basalto (da lua)

ou que a noite expresse seu espesso
amor por Perséfone
e enrame-se sorrateira
pelos avícolas olhos da manhã
impúbere e desacordada (mas incólume)

ou se perpetue pelas feéricas animálias
de que são férteis as cinzas das cidades

onde rezam os saís do amanhecer
entre orvalhos e navalhas
barbitúricos e aminoácidos noturnos.

O sol talvez não (mais) regresse
a não ser que mergulhe
do flácido ventre das avenidas
para as veias dos becos
(em punho a aljava e raios frágeis)

ou mesmo descarregue
sobre tudo o que seja escuro e humano
a sombra do meio-dia.

ADENDO (E COMPLEMENTO)

O que é ultraje e sordidez na cidade
a não ser que a caterva de cães lunares
útero da aurora despedace.

CONCLUSÃO DO POEMA ABSOLUTO

DAS TARDES PERPÉTUAS E NOITES BETUMINOSAS

O sol talvez não regresse:

pobre dos olhos no exílio da claridade

pobres dos espelhos

que não verão a si mesmos.

OUTRO POEMA

A ver ossos de pássaros, eu filosofo
detalho a metafísica do voo, aprendo
que estrelas fixas não importam.

Só importa mesmo (talvez)
a descoberta de mim
(pois não sou uma fábula).

SOBRE ELA (VERDADES)

A morte não é mentira.

Ser só só na morte.

Mortos gritos não mais se movem em mim.

A morte é intrivial, sempre.

(E a morte caindo sobre os meses
e seu zodíaco perverso).

Aos meniscos do meu Capricórnio
dedico estes poemas.

POEMA

A estremecer manhã
cântico rebelado de pássaro
contra mazela do voo.

Fileiras da sombra
dobrando o meio-dia
bebendo a lua como uma noite
buscando a claridade do útero.

(Poema dedicado à tarde náufraga
de um domingo de cruel abril).

QUANTOS POEMAS NESTES TEXTOS?

(PARA ADVINHAÇÃO DO LEITOR)

Palavras não têm força de travessia
quando param no umbral polido (e pausado)
da primeira vírgula.

Elas enveredam por ermos altos.
(e em lentos cumes buscam refrigério)
se não há porquês e quandos.

Sobre ângulos reta pausa
pousa a palavra curva.
Ah, essa inespessura de viver.
Essa dormência crassa do espírito!

A refrega na terra é suprema.
A noite cerrada o prêmio.
(Assim que anjos encerram
o expediente diário do sol
- e Lúcifer morre).

AI, 5, DESGRAÇADO

(VADE RETRO)

DIÁLOGO DA GERAÇÃO AI – 5

- Você tem medo de morrer?
- De morrer, tenho medo.
- Você tem medo de viver?
- De viver, tenho medo.
- Você tem medo mais do quê?
- De fazer, de falar, de cantar, de calar
- de pensar, de dizer (o que penso e o que nunca pensei).
- De que mais você tem medo?
- Tenho medo de não ter medo.
- De que você tem mais medo?
- De ter medo de menos.
- E de que você não tem medo?
- Não tenho medo de ter medo!

CIÊNCIA

Coro de escória
rumor de ruína
música demolida.

Anjos de mármore
em céu de zinco

melodias de lata
e cânticos de tório
entoam.

Alma, terra de ninguém.
Corpo, pasto de volúpia.
Só sabes o que deves saber.

SABER

SABER

SABER

Sei que teu rosto erra

nuvem bêbada

por rua erma

trevo escuro

que sono acicata

e face irresiste

com submersos rebanhos

tudo é naufrágio

porém sei que o seio

espera-me as mãos.

TODO ABANDONO

TODO ABANDONO

TODO ABANDONO

Sob jugo do vasto êxtase
basalto úmido
logo sucumbo
do labirinto peregrino longo
nu me encontro
na amante pele da noite
todo me abandono (em outubro).

A UM AMIGO MAU

Entre música e silêncio náusea
pousa nua e búzio
mar arremeda
eco anêmico ocaso intenso músculo
entre trama e flores puritanas relaxa
a têxteis pássaros urdidos do ar catam
de Éolo vestígios exatos
pedra ilusa cria
do espaço e da vigília torna-se
rocha esplêndida
da mão e do longe então
alto tecelão do tempo enleia
ma(i)s além da papoula e do imago, linho
inconfidente, férreo, caudaloso
lavado de grito (das pérolas do suor unguído)
rigoroso como semente (ou horizonte)
em sua odisseia íntima, podre, vital
alheia-se (linho).

4POEMAS

Clamores quase extintos
(como rugidos de tigres)
incendeiam manhãs desavisadas
fenícias agudas e dissolutas árias
elevam peitos agonizantes a áfricas.

Cadavéricos rumores descubro
a meu lodo direito e ouço
primícias de escombros em outubro.

Tremula treva
sob facho de relâmpago
ante astúcia do espírito.

Luz de círio alimenta a noite
vela almas cansadas
e se alastra como postes.

Coivaras não têm piedade de florestas
equiláteras (nem de dalias e lenhos).

ONDE COMEÇA O SAL

Bloqueiem ribossomas da bactéria

degole a infecção

viva a derrota do ebola

Arde jasmim, foges de mim

porque uivam figueiras

urzes tornam-se cinzas faceiras

gritos abaulam os ângulos do silêncio

círios cegos iluminam olhos de cadáveres recentes

com piras de velório e lâmpadas de açucena

com crateras de pranto (seco como bons vinhos)

e velhos simulacros de treva

fosca iluminação lança-se sobre

a última noite de um homem na superfície da terra.

POR QUE NÃO?

Por que caminhos andas
percorrendo úmidas
ruas onde não passa lua?

Por que não fere teus olhos
turva aurora (escabrosos amanheceres de hoje)?

Por que abordas tão inaudita
senda ávida do abismo?

Por que vias flagras sonhos vis
e inóspitas entranhas da noite?

Por que arrabaldes persegues
sino de ilusão, sonhos sem cabeça?

Duma cátedra azul prado
vi basílica de cinzas justas
que me enviborou e domingo
que ela cruzou fagueira
por mim.

Devoto me emparedei mas
meus olhos bolinaram íris que passava
com o ser ao futuro passando
de meu longos e crassos abraços.

Levar deixei-me por tuas macias ancas
e renunciei a céus
todo o crédito (crédulo) numa partida
dobrada joguei: tu e eu comungando
os corpos, as almas à fogueira sem fim.

Músicas azuis e borboletas de sílabas
e flores, e flores de ecumênicas cinzas
não me salvaram a carne inaudita.

UNDÉCIMA UNÇÃO (DE NOJOS)

Deus de moribundos ajoelhado
ao pé do leito agonizante
no quarto da extrema hora
recolhe último alento
exalação final vigia
desesperados sopros guarda
no peito soberano e espera
do vaso coalhado de lamentos
surgir o nada em lágrimas
ungindo de gemidos o fim.

Teus olhos, Senhora, são prêmios
para qualquer um que os contemple
são êxtases de jade
volúpias azuis.

Quando Jesus criou o rubi
pensou na cor futura dos teus olhos, Senhora.
Teus olhos têm, Senhora, o ardor do rubi.

TABER

Vi as luas do Porto
tomando banho nuas
em teus olhos ímpios.

Ciprestes não prestam
aos vivos seus viços, não ardem mais
ensombram túmulos
(com relâmpagos de náusea)
Abaixo ciprestes!

**TODO O MISTÉRIO DA VIDA SE
RESUME NUM EPITÁFIO EM
RUÍNAS**

A CORÇA

CORÇA

A

Corça
e sua sombra
de ágata branca
pausa
quase de abandono
da lúdica planície
imóvel aragem desenha
gesto de louça e linho
que no silêncio pausa.

Corça e sua sombra
de pausa branca e lenta
olhar da máscara ilude

exatos azuis do céu doma
do silêncio mineral cinzelada
frágeis manhãs construídas.

POEMA DE BOM GRADO

Atros sons de ossos em unísono
engastados no esqueleto do crepúsculo
(como estrelas no céu carnal de Deus)
criam melodias brancas

1. Música agonizante cria.
2. Tanto sepulcro. Pouco respeito.

O meio dia alimenta ossos.

3. Dele sedentas sombras comemoram.

Asa do viaduto (em voo de concreto imóvel).

(Espécie de anjo de pedra suspensa). Voo de cimento.

4. Salto coagulado de arame e barro.

Corações absolutos latem como cães saudáveis.

Oprime o peito alegria ilimitada.

5. Músculos infinitos. Bombas eternas.

6. Léguas de águas. Fazendeiros do ar.

7. O grande ventre da noite pare silêncio ósseo.

CÂNTICO DE CINZA E SAL

1. O sal também se levanta.

O inferno é frio.

Nele a alma congela.

Ardem culpas.

Sonhos são incinerados.

(As queimaduras do frio são infernais).

Utopias mais sólidas são liquefeitas.

2. (Pranto carbonizado orna as estufas do inferno)

3. As cinzas são nossas avós.

4. O sal contempla o Atlântico.

5. A mulher de Lot é de areia pura.

6. Abutres amam o meio-dia.

7. A carcaça de outubro é vermelha.

Apêndice: Os frigoríficos do inferno são podres

(segundo Dante primeiro e único).

CÂNTICO DE SEDE E SAL

1. O sal também se levanta.
2. A mulher de Lot é argilosa.
3. A sede alimenta.
4. A seda alimenta o espírito.
5. A sede alimenta o vaso.
6. Âncoras vivem da sede.
7. Cântaros choram de sede.

Apêndice: Abeira-se da boca a sede

do lábio pende a desdita da água.

HORIZONTES DE OSSOS

1. Falível só a fé.
2. Abominável liberdade.
3. Dançam as chamas no palco da fogueira.
4. No salão dos lobos dançam cordeiros.
5. Preces destroiem.
6. A sintaxe intoxica orações.

Parágrafos são correligionários dos travessões.

7. Imitam pausas do início.

Vi o cântico da água (a dor do odre).

Elevar-se da voz líquida.

Vi ária de luz e lodo.

inundar sala morta.

E a ópera de Príapo

possuir os ouvidos.

Vi marés sonoras

e equinócios na esquina.

PUBLICAÇÃO DO ÍNTIMO

Não era a voz do amor

(que é mudo e infinito)

era a da carne

que gritava e era tênue

frágil como uma noite de cristal ou corça de louça

e efêmera como o êxtase de um cisne.

Naquela noite lábios incessantes se sugavam

e sibilantes eitos de saliva se ouviam.

Éramos livres

porque o desejo rompera todas as peias.

A noite estava possuída de seus demônios

e os corpos ébrios de posse e alucinação.

Nu catre de cetim engatados

a volúpia neles engastada como pérola.

Gemidos pareciam sílabas

e nenhum hiato os apartava.

Cegos só se viram um ao outro

sob o lasso fulgor do gozo

sobre o ínfimo sítio da cama
que era infinito.

Corpos da alcova libertos
sem os cadeados do medo

lassos os elos do respeito valia só
a dignidade do desejo.

Cardos ardentes nus uníamos
liames de amor sublime
enquanto a noite enlouquecida
velava nossa volúpia.

Morrer é ir para distância maior.

A poesia é a palavra do acaso dado.

Cada um está só no coração da terra
trespassado por um raio de sol...
e de súbito é noite.

Salvatore Quasímodo, poeta italiano

Prêmio Nobel de literatura pela obra poética.

POETA NÃO É

Poeta é ser inacabado

atravessado por horizontes

e dores passadas.

É acordar entre lábios de pássaros

após a morte da treva

é extrair de olhos sonâmbulos

a incerteza do nada

e num súbito manuscrito ver o rosto

desfazendo-se como amora esmagada.

É abandonar a alameda de sentidos

e seguir a erma rua dos enigmas sujos.

A dormir sobre o copo o poema jaz exausto

sobre a fuga do manuscrito e a chegada

do poeta do terceiro sono (aconchegado ao verbo).

ENTRECOXAS (A CONSTRUÇÃO DO PÚBIS)

Entre as pernas o paraíso
brecha sublime, úmida e rósea racha
de carne e nácar
hasteada pela penugem
entre as pernas relva túmida
cesta de pelos belos
florestas azuis
bosque capitoso
éden da boca.

Lasciva fonte
de odores ébrios
enleada e intrincada rede
que envolta púbica rosa.

Emaranhado belo, crespo, doce
selva de pentelho.

Que minhas mãos tão decifram
adentrando-a em conchas

fonte da sede buscando

rachada flor de carnívoro aroma

(onde concentro a boca)

e capaz de gozos incomensuráveis

(e eternos).

19.10.2011

PALMO DE ALENTO

Coro de seivas soa na linfa
e pássaros inebria
atiça a noite dos unguentos velozes
e abre cânticos na treva pura.
Átimo de gozo estremece
cristais tímidos do ventre
espouca gemidos profundos
pequena morte reina.
Se esgueira pelo corpo o delírio
rolam pela alma suspiros.
Palmo de alento percorre
leito onde carne já dorme.

GEOMETRIA DO VENTRE

Em cada hectare da carne

em cada acre do corpo

pátria de meu desejo lavro

tempo cavo vida abro

sulco lanço

mineral sêmen e espero

fruto nu brotar

da cristalina estirpe.

VOU ESCREVER HOJE PÁSSAROS

NO CÉU DA LAUDA

E PRODUZIR O MANUAL

DA ETIQUETA DESABADA

DO POEMA NADA RELATIVO

PARA LEITORES IMPROVÁVEIS

COM DOPADOS PELO PARNASIANISMO

INDELÉVEL DE SUAS ALMAS.

TÁBULA DEDICATORIAL

A saís cerimoniais e rimas fáceis
ao zênite que sorri das alturas
a oriente noturno, ao norte da treva
ao nadir do nada, ao devoto da dúvida
à familiaridade convexa dos morcegos
às glândulas exócrinas das abelhas
à lua das esquinas áridas, aos ávidos da vida dúbia
aos árduos códigos da náusea
às carências essenciais
às carícias de cerâmica
às moções carnívoras
ao fútil lume das celebrações
aos tribunais iníquos (e penas antiquadas)
a múmias ridentes
e aos serenos abismos dos anjos

a istmos complacentes
e marés rurais
às mãos vinícolas
à retorta natal
a candelabros burlescos
a turíbulos dos sábados
às sumas cadavéricas
ao pranto da erva
ao laudo das larvas e folhas de relva
a gusanos que nunca agonizam
aos sais terríveis da morte
ao corpo do verbo, ao fêmur da rima
às clavículas da palavra alvorada.

OS OLHOS DO HORIZONTE

Escoa a trombeta da manhã errante

assoma a cimos mudos

obrumbra pássaros tenros

risonhos torna desertos

dormentes rebanhos acorda

alucina tímpanos delicia almas

enquanto espessas caravanas

cegam horizontes.

RUMOR DE AMAR E MORRER

Segue semente tênue

rumor de azul.

Paleta de opala inocula

na terra cor certa

rebentando do chão

louva estrelas e humilha

tintas traiçoeiras.

Que peçonha certa

dos pincéis destila

sobre rosto tenro da paisagem.

Segue fruto forte

ramo de amor e morte.

DOIS POEMAS NUM BAR DA TARDE

DOIS POEMAS NUM BAR DA TARDE

DOIS POEMAS NUM BAR DA TARDE

DOIS POEMAS NUM BAR DA TARDE

Caveira atiçava

átrio do bar cordobês da tarde

onde começavam vespertinos bacanais.

Sede escrava
da alma dos homens
da noite dos bares.

Pátio de São Pedro dos Clérigos

MIÓSOTIS, NÃO ME ESQUEÇAS

Miósotis, não me esqueças mesmo
que toda a pátina apodreça.

Miósotis, não me esqueças mesmo
que imperem aromas de ameixas.

Miósotis, não me esqueças mesmo

que devassa seja a condessa.

Miósotis, não me esqueças mesmo
quando qualquer volúpia arrefeça.

Miósotis, não me esqueças mesmo
que nenhuma manhã mais amanheça.

Miósotis, me esqueças pois
após o poema o precipício levanta-se.

Leões estraçalham crepúsculos
enquanto centopeias acariciam
dorso do orvalho e abetos bebem ruínas.

Leões espreitam manhãs enquanto
abro carapaças e busco
nos moluscos brilho de ladainhas
enquanto das conchas diviso aberto fulgor de tigres.

Leões rasgam máscaras enquanto
aparências urram
e cósmicos vórtices anunciam

o naufrágio da palavra marinha.

Estrelas de orvalho ungem

de molhados diademas

céus úmidos.

RUMO DOS RIOS OU OS RIOS DO ROSTO DESÁGUAM NO MAR QUE É MORRER

“A morte é dama magna
com boca de graveto árida
e volumoso riso de açucena
seu corpo tem arcabouço de caatinga.
O mar da morte é rápido.”

Rios já acham caminhos
para o coração úmido da terra
suavemente limam a aridez
luz deságua sobre leito de sombra

desavisados escuros soterrando
(torrente de greda alagando a alma)
trazendo seda ao que virá
para rostos quase cegos (o cosmético certo)
e a nudez da acácia para olhos longos.

Garças florescem nas margens dos manguezais
quais flores selvagens.

Filósofo apascenta o caos
poeta provoca o cosmos.

Hóstia de trigo libidinosa
demônios consagra.

Pomposas minúcias são
são essenciais à vida social.

O cortejo do sonho é inconfessável
e a estrada do sono muito esburacada.

Nada timbra ou acata seus ardores sujos
nada enoja a alma pacata à beira do êxtase.

É aterso, iníquo ou ambíguo
enterro quando o pranto é de um amigo.

(Choramos como fontes
lágrimas a rios inundam).

São hábitos do olvido
histórias de cisnes.

Cada dado cifra
uma aventura iníqua.

Cada rosa foge
do lábio que sobeja.

Cada sábia prédica
morte da paciência anuncia.

ÍGNIO
SIGNO

ÁPEIRON

O nada existe
existe o nada
existe nada
nada existe.

Às angústias
(físicas e metafísicas).

Ao hic et nunc do ego
(sempre e nunca)

A um eu sob forma de outro.

Nada mais belo (e fiel) do que o id.

Qual quid? De quem?

Coitado do ego!

O tudo é náusea e tédio
o todo é dor e derrota.

Á jovem tumba do ego.

E o jovem tomba na bruma
(sob harpejo ácido do desejo).

Brinco contigo até que
gato toga rasgue
fiel à sombra da beca
sobre crápula.

Até o advento.

Até o abismo calmo
automático, largo, puro
(embora escuro).

dedico estes poemas à jusante
(e ao marinheiro Neruda)

EU SOU AQUERONTE

(não tenho ventre e a luz
em mim foi dilacerada)

Sou o acesso à terra da aflição (líquida)
pago infernal pego profundo antro
de onde nem gemidos escapam
(para fora de minha ribeira atra)
sou alimento de treva, ergástulo da alma.

Istmo sombrio que ligue
Aqueronte hórrido, de águas
ígneas e destrás
ao arcádico Estige
afluente sórdido recrio na página.
Por ele flui poema absoluto.
Rio de soberbas
águas amaras
(não rima com escaras)
rio movido a
vendavais hereges
e heréticas espumas que jorram
ao céu tenebroso

rio de águas lodosas e sem rumo

de águas tétricas, intransitivas

(egressas do pandemônio de ilhas)

borbulhante de íris ardendo e rochas líquidas

de rosto freático e soluto (magmatizadas águas da grega sina)

rio de forjas de ventre e fráguas eternas

lívida laguna dantesca.

PELO ORCO

Pelo Orco abisso se esgueiram
sombras e sombras de sombras
as pobres sombras dos homens.

Antes do cais de Caronte
(antes de tocar a ribeira de Aqueronte)
breve passagem pelo belo Letes
para beber sede de esquecer (a beleza)

então, lauto trago de esquecimento é
servido por pajens sem memória
(com canapés de amnésia dourados).

CINCO TERCETOS DE PALMARES

Caminho pela tarde imaginária
descendo de hunos e coivaras.

Das horas perdidas vestígios fumegam
nas absolutas avenidas da vida não me demoro.

A sombra do Porto (do Recife) se arrastava no cais
e os ferros das naves pareciam efêmeros (grilhões).

Ao absurdo cotidiano do homem do mundo
à cata de usuras obesas e salvações vãs.

(Gaia para salvar-se prescindirá da vida humana).

Reino das Águias, 15/05/2014

ADENDO: A ordem é o caos e sintagmas
voam pelo meu peito como águias.

A NAZIM HIKMET

ao filósofo Marcondes Torres Calazans
a quem ofereço a metade vermelha do meu coração

Apesar dos tapumes
(que me esmagam o olhar)
e dos muros que me espreitam
o peito meu coração palpita
como a estrela mais remota
e meus olhos se acasalam
com o azul da utopia
como pássaros bebem
no rosto do futuro
o néctar do dia a dia.

DE ALMA E NAVALHA

Anjos de estanho velam
há milênios fios
em porfiosas vigílias.

Lumes da lâmina erguidos
ante sóis curvos do gume
iluminam o corte.

E o ofício da ceifa se inicia
quando se apossam séquitos da foice
do corpo devassável da vítima.

VERBAL MOEDA

ao professor e rei Dom José Rodrigues

Moeda de rumor dorso
do livro habita.

De treva ourives cinzela
no frontispício da tarde
cômoros e aquarelas.

Da janela adunca
do ático compêndio
dionisíaco ouro soluça.

E transborda pelos cones
da palavra húngara.

CÂNTAROS DE SOM
SUSTENIDOS DE SEREIAS

Choviam cântaros de partituras
grosas de estrelas anãs
e razias de rãs se alastravam
no ventre dos tanques cósmicos.
Na treva de teus olhos poloneses
curados a nanquim estive.
Além de mim, música de água escoava do jasmim.

Abeira-te do útero do destino
do hímen implacável das coisas complexas
ventre inerte dos mares
pássaros que tempo escancara.

Noite antiga atravessa
tramo cerrado do meu nome
ilumina sábado vãos e labirintos ocos do coração
paisagens incrédulas devassa
clareia escuro da alma.

À néstogas, com pasmo

MATEMÁTICA

Quantos cervos tigres comeram?

Palavra em deriva leva à poesia.

Foi num sábado à tarde
que Deus expulsou Adão e Eva
fechou o paraíso, e jogou a chave fora.
(O tempo já fora criado
e o antro espaço).

Nas páginas de pedra do livro do Ser
escrevo o poema de mim.

Mas não escreverei na areia nem na água.

Amo paxás. E gueixas.

Ao coronel e filósofo Reginaldo Oliveira

CONFISSÃO FINAL

(TALVEZ SINCERA)

Não escrevo para agora.

Nunca para ontem.

(Escrevo porque a página está vazia
ou para completa plenitude do nada).

Não escrevo para a água mas pelo árido abandono.

Porque não se condecora o temor
com colares de grito apuro silêncio.

Porque se presenteia a dor
com tiaras agônicas escrevo.

Escrevo porque próximas a agonias estão
máscaras de diadema pútrido.

Não escrevo para agora, para o pó escrevo.

Quem sabe eu escreva
para desvario da sombra (de Freud ou Jung)?

Ao mestre Valter Portela

ÁLGEBRA POÉTICA

Sou um sorvo de pedra
aragem de abril sou
sol encoivarado
janeiro, fevereiro e março sou
contradição dialética e não servo
da ditatorial coerência
nenhuma algema sintética prende
ou cala os punhos do poema
a logicidade obsessiva do discurso
passa longe de meu verso (incívico)
estrofes conteudísticas destruo
desfruto da irrazão da poesia
a incoerência das ligações de palavras
é minha praia (com suas conchas de sintagmas)
amo o lilás impotente e a ternura selvagem
amo a aparência de pedra do sudeste
amo gaivota parecendo lua emocionada
nos braços do poente termino o poema.

A Rogério Generoso

CIÊNCIA

Sei que cada grão de milho sai
da fome adormecida
ou da terra esfomeada
ou da pedra da água lúcida
ou da raiva da abelha nua
ou da ira da coivara tenra.
Por isso escrevo.

Ou da rosa desnaturada.
Ou pele da alma.
Ou do monturo da náusea.
Ou apenas do veio sôfrego da vida.
Ou de um botão de rosa abortada.
Ou da clavícula de esquilo qualquer.
Por isso escrevo.

LUGAR DA POESIA

Poesia está em não dizer
no arredor do silencio
na placidez do bismuto
no arrolar da imagem
na arruela da lauda
no arrulho da romã
e na mecânica do hemistíquio.

Na fluidez sincera da pausa
no colapso do medo verbal
na entranha pura da palavra
precipício ou purgatório
na beleza do mercúrio
está a poesia.
(não está na pressa que estrangula verso).

Na música que víbora
na harpa trêmula da alma
no torneio irresoluto do verbo
na lógica da sinfonia sintagmática
está a poesia (na página plantada)

e na veia do tempo
inocula histamina.

No expulsar do antídoto
que desexcita corações
na desmedida grega
no sono da palavra liberdade
(que Éluard eternizou)
e na bagem da vocabular cascável
a poesia feroz está
em vigília felina
na quina da hora verbal
na omoplata do silêncio cristalina
quando Atlas suspende o mundo
no peso cúbico do tédio
na virulência macia da náusea
nos músculos lassos da tarde
e no violino dos olhos
está a poesia

nessa geografia de incubos
nessa safra de obuses e atrizes
nesse horizonte de fortalezas invencíveis ou civis
está a poesia.

A poesia está no desencanto ou na desventura

(e na épura que beira o espírito).

a Osman Holanda Cavalcanti

MEU CORPO

Meu corpo mergulha profundamente
em árduos rios de glicose e palavras
está cravado meu corpo sobre temor
sobre cântaro de eco quebrado
e morto arredor
os contornos do meu espírito são vazios
(e bem vaga a alma)
e tristes amestrados pelo cansaço
como o éter faminto do sono
alquebrado morro antes que a manhã acorde meus olhos
antes que o rosto termine antes
que o pássaro encante os campos
vijo sob o céu solitário novilho
rumino os aminoácidos do instinto

ante estátua do tomilho busco
ávido e brusco abrigo, guarida
para meus tormentos e suspiros
dos lábios da aurora pálido fulgor recebo
e desprezo enquanto sombras
do meio-dia agudizam alma vândala
e frio organizo os leitos crassos da aurora
que meu olhar moribundo acabrunha
e crepúsculo ofereço
ao pranto da terra e do meu
eu escuro, exijo da indecente morte
esperança enquanto o longe chorava
vi o sono dos sulcos abrir-se
e assisto à aridez da alma e comunhão
do confim com a aurora.

VIDA

A vida é feita de ruínas brancas
e demolições lentas
de dilemas como o verme ou a rosa
de máscaras inspirando rostos.
E o pior é que a alma
não escolhe corpos.

MORTE

Sobre álbum turístico de Florença
vi pousar relâmpago gótico.

Da sutileza etrusca aos ornatos
esmagadores dura um pássaro
dos florões vermelhos de Colônia
ogivas erguidas como igrejas
sobre ar otogonal da nave triunfante
cúpulas ameaçando o caixote do céu
e a ourivesaria das nuvens cantante
enquanto abatidos pelo silêncio do sal
íngremes ângulos copulam com a ferrugem
ou com os frágeis ecos
dos tímpanos da velha nave mãe
amém.

À MORTE TROPICAL

Morte tropical é árida

Mas não brota do coração dos cardos.

Emerge das conchas, coivaras, espelhos

vem das fontes noturnas do inóspito

galga penínsulas da alma

lumes do tempo atravessa.

Veste cambraia de sombra.

cai sobre rosto dos homens.

Noite tropical é nua, cambriana, sedenta

dorme nas redes, assola alpendres, rir sem dentes e

intumesce velórios. Orgasmos do escuro multiplica.

Parceira do clima, adepta da seca, é vasta redonda.

Morte tropical é profunda e atenta profeta

árido seu esgar ósseo. Podrido seu fêmur equatorial.

Intestina e dolorosa divide com aurora

lábios da claridade noite tropical.

Tem omoplatas oblongas? E dorso ágil (de negra pantera)

recebe em sua pátria escura – comarca de Caronte, párias

e cidadãos cansados das iniquidades do já esperado

com têmpera inteira e cerviz em riste ainda.

A noite do trópico é curva e amável.

TUDO O BRILHO DO APOCALIPSE ME EXALTA (OU SALVA) OS OLHOS

Todo o seu moribundo fulgor me comove
ráfagas de fogo agonizante me salvam
toda seiva impenitente e férrea
que ele cospe me lava
alma, olhos, pés, face, ânus, sonhos
por isso amo o apocalipse, mesmo venero-o
seus vórtices salvíficos e devassidão
objeto terno (e eterno) da salvação.

Como amo o caos enlouquecido
o fim das tréguas, o olvido.

PRÓSPERA RUÍNA

Ruínas prosperam
ruína por toda parte espalha-se
como fogo morto cuja cinza louca
lança e a alma do homem alcança

e a reduzem a nada
ou a pó sem culpa.

O desastre se amontoa
constroem-se de pecado a pecado
apocalipses.

Toda a impotência da espera transformou
esperança em coisa deletéria.

TUMBA TOMBA

Tombam cubos e rastros da bacia do crepúsculo
como sangue tomba na veia langue
da fraturada aorta femural
em copas de agonia corrente
alento golfando como vômito
ou lenta luz de castiçal envelhecido.

(Cubos púrpuros talhados
de agônicas cores).

BÊBADO ANÔNIMO

**Ao livro Bêbado de Deus
do irmão maior Gerardo de Mello Mourão**

Se bebi teus seios sou deus
vencedor dos altos prélios e das sombras grandes
e minhas mãos têm
sabor de tua cor
que a greda ama.

Se teu alento me bafejou o rosto sou deus
dono cósmico do infinito
terreno e puro criador
pois sei da cor de teu sorriso
do azul ditado por teu olhar
a meu rosto anônimo e vivo.

CANTOS VERTENTES

Latada de cidreira e o abraço da malva rumorosa
gerúndios de mostarda e batalhões
de camomila de guarda
na entrada do coqueiral à esquerda do riacho pendurado
à beira do precipício branco.

Ao longo das entranhas do vesúvio de acácias
alfarrábios de lírios e tulhas (argilosas)
de erva doce entre redondilhas de rosa
flores abençoadas por gestos de baunilha
se juntavam ao mais doce ainda zumbir de abelhas sem mácula.

Néctares voando, pólenes bailando, o riso do jasmim
se espalhando pelos corações dos jardins vazios
concatenados o brilho dançante da pétala
e o verde do cálice da flor
tudo se une a anunciar a manhã
que rebenta do solo ubertoso das Vertentes.

É a aurora que desponta
pressurosa e ridente
(dos olhos alvissareiros das estrelas)
digital e airosa do rosto de Vertentes
terra da palavra do coração
ágil seiva e lume vital

corça e berço
sonho de nume, garça sem sombra
silêncio que fulge
aurora cujo aroma brota
do ar montanhoso, cuja cor
é a mesma da respiração dos pássaros.
Vertentes, sítio onde a lua vem dormir
terra que contenha o último átimo do tempo.

Herdei do meu avô sonhos de cetim em maio
palavras de amor, o suor da dor
e vândalos papeis da alma espalhados
além de potes de tristezas coaguladas
e sonetos em que ele assinalava
cada 20 de maio, data da morte de minha vó
aos 15 anos, exatamente o dia do nascimento
de meu pai Cláudio Corrêa de Araújo.

LÁPIDES LAPIDARES

1.No fim? Nada!

2.Vê esse musgo, amiga

(a crescer sobre meu túmulo)

vale mais do que eu.

Está vivo!

3.Ó palavras lapidares

porém transitórias

que reuni nesta lápide precária.

O tempo não perdoa

(nem o mármore perdura)

e logo a hora as dilapidará.

4.Da morte nada se ouve

a não ser a mandíbula da larva

operando sobre o cadáver calado.

Ou o opróbrio do verme feliz.

5.A azáfama dos gusanos é uma lástima

inevitável. Talvez? Não, um triste fato.

Também ouvirás (amanhã leitora vã)

o silêncio apunhalante

ou ensurdecedor do nada.

(lápide médica de um otorrino curioso
do além corpo)

6.E os últimos dobres
do sino insano, as famosas
badaladas fúnebres, uivos metálicos
que só os vivos (ainda) ouvirão.

7.Agora paio, espírito puro... e cago
na cabeça do mundo.

8.Morrer! O problema maior
é o desemprego que grassa
nas outras dimensões.
(Espírito também tem fome de ser
e valoriza salário mesmo inefável).

9.Não há luxo na tumba
(nem comodidade nenhuma).
Só o escuro brilha no ouro
escabroso dos gusanos, cujo maxilar
despede luz horrível.

10.A tragédia da humanidade
está à vista (e sem desconto)
nesta tumba imersa no lábio
impagável da larva.

11.Agora, ao menos, sou sombra.
Ontem, não era ninguém!

(de remediado ido)

12.Foi-se o rosto no vórtice supremo
fica a pá do coveiro ao relento.

(rima vital)

13.Depois que parti, reconheço
o mundo ficou maior
(e melhor).
Bem mereço.

(de um realista sem caráter)

ADENDO: Eu era o entrave ou escolho:
escolha, leitora en passant!

14.Conduz-me (leitora transitória)
de tua triste condição:
ainda és mortal.
Eu – te garanto – não morro mais!

15.Neste deserto âmbito
nesta insolente cova
(com o rosto bem enterrado)
nesta cela de terra inexpugnável
e solidão eterna, moro
para sempre.
Deste cômico frio vejo
bem nitidamente
a infinitude do escuro.

16.A agonia da morte
(e seu triste desespero)
já não espero.

17.Aqui jazo no meu lugar eterno (mas terreno).
Verdadeira residência na terra (de Neruda).
Aqui resido, sem CEP ou CPF. Em definitivo.
Sem teto, nunca mais.

(de um morador de rua ido)

18.Graças a Deus, as mandíbulas
dos tapurus são macias. É rápidas.

19.Se no fim só é o nada (e é mesmo!)
para que serve o absoluto? A eternidade é uma merda!

PAISAGEM (DE 1985 A 1891)

Arthur Rimbaud (1854 – 1891) hippie e poeta maior (muito).

Un saison en enfer – febre do verbo gástrico, inflamação grave da palavra causada pela aguda fricção das costelas da metáfora no abdome da náusea vitae. Ou tédio do vocábulo.

Thomas de Quincey (1785 – 1859), o tedium vital alucinogênico.

Charles Baudelaire (1821 – 1867), o gosto do infinito absinto.

Happiness a warm gun (A felicidade é uma arma fumegante). Isto é, uma seringa cheia de tóxicos. Homo psychodelicus hippie.

SEM TITULO AINDA

A gastronomia é uma ilusão, tal como a astronomia, e estrelas que morrerão há milhões de anos.

Testar a imaginação na úmida concepção de pratos vistosos ou iguarias sem precedentes é perda de tempero e tempo.

Os pratos mais sofisticados são paródias dos ingredientes, falácias do paladar ou simulações de aroma e sabor bonito.

Existe só a ideia de objetos gastronômicos... e o resto é imitação rasteira com alguma pimenta.

O cogito crio e não como. Papila é válida e macia.

Só do pão interior me alimento: não contém glúten (o famigerado aglutinador das massas foi invenção soviética?).

Intuições, impressões, panelas e chama não fazem nada que delicie o espírito. E o corpo até de migalhas lixentas e bocados de óleo e frango frito vive.

Vivo não porque como ou amo, porém porque poemo.

ARQUEOLOGIA MIDIÁTICA

VCA

Criei três revistas literárias, PAPELJORNAL, SINGULAR e URUBU, todas em 2013, delas publiquei e distribuí 16 edições, até julho/2014. Está última URUBU, já em quinta edição, é de Palmares. As outras, de Garanhuns. URUBU – em homenagem a esse “pássaro” ecológico, sediei no Retiro das Águias, do Prof. (de inglês e direito) José Rodrigues. Sempre, desde a 1ª das 16 revistas editadas, pedi contribuições (artigos, matérias, crônicas, notícias literárias, poemas) de Garanhuns, só o jornalista e escritor Osman Holanda e o arquiteto e editor Aristóteles Bastos contribuíram com escritos. Então, sou obrigado a escrever (assinando ou não) cerca de 80% das revistas. A URUBU está sendo uma exceção. Admmauro Gomme, Marcondes Torres Calazans e outros professores e muitos dos estudantes de Letras da FAMASUL (responsável por complexo universitário da Mata Sul), além dos outros coeditores, têm comparecido com importantes matérias literárias que abrilhantam e aprofundam as páginas (ou asas) da URUBU.

Tenho publicado – sob o título Escavações da Mídia, matérias sobre revistas já mortas, como “CIDADE”, de literatura e mundanismo, de 1940 (Garanhuns), Revista do Nordeste, de 1958 (Recife), Revista Senhor (1959) e Revista Nordeste (1960), de Gilberto Freyre: A propósito, colecionei a Revista Senhor em suas três fases.

Sofro de colecionite. Tenho 10 a 11 mil livros (antes jogados num apartamento de 175m², da Av. Visc. Jequitinhonha, Boa Viagem – Recife-PE, agora amontoados em 30 m² numa cabana sobre um pântano, na zona rural de Água Preta, em pleno brejo da Mata Sul, vizinho do retiro das Águias).

Colecionei revistas, como as já citadas, e LEITURA (de 1942 a 1961), LEIA, jornal-revista, SEMANÁRIO Readers Digest (de 1938 a 1970), além de GIBIS (cerca de dois mil).

Duma rápida revista em minhas coleções de gibis (que há vinte anos não frequentava) emergiram nomes – quase legendários, que marcaram a infância de muitas gerações, tais como: Black Diamond, Buffalo Bill, Gabby Hayes, Destemida, Fogo-Vermelho, Cabelos-de-Fogo, Roy Rogers, Bill Boyd, Kid Máuser, Davy Crockett, Zorro (e o indefectível Tonto), Paladino do Oeste, Jace Pearson, Range Rider, Tim Relâmpago, Johnny Mack Brown, Tom Mix, Tex Ritter, Bob Colt, Monte Hale, Red Blanc, Bat Masterson e sua bengala, além da música-jingle da TV, Rex Allen, O Falcão Apache, Wyatt Earp (o feroso xerife de Dodge City), Gene Autry, O Homen do Rifle, Pecos Bill, Cisco Kid, Dale Evans, Nevada, Colt 45, Rocky Lane, Hapolang Cassidy, Cavaleiro Negro, entre outros tantos.

Revista como Ai, Mocinho (cujo 1º número foi de Novembro de 1949, tendo a série chegado ao número 100), Suplemento Juvenil, Nostalgia do Faroeste, História do Oeste (Epopéia Tri), Colt (a arma favorita de Billy The Kid), Reis do Faroeste, Super X, Cavaleiro Negro, Pequenina, Paladino do Oeste me deliciaram (e deliciam até hoje, que continuo leitor constante de gibis e heróis do Velho Oeste ianque).

As capas ostentavam belas fotos coloridas de astros do cinema. Entre os mocinhos da capa: Burt Lancaster, Johnny Mack Brown Bill Elioti, Audie Murphy, Rex Allen, Roy Rogers, Randolph Scott, Charles Starret (o durango Kid), Joel Macrea, Richard Boone, entre muitos.

Entre os notáveis (mesmo geniais) desenhistas, destaco: Dan Spiegle, Jerry Robinson, Russ Manniaz, Lee Elias, Fred Harman. E o genial Alex Raymond, criador de Flash Gordon (no Planeta Mongo), também responsável de X-9, Agente Secreto, Jim das Selvas e Rip Kirby. Raymond tornou histórias em quadrinhos obra de arte. Sem esquecer minha coleção de Epopéia.

POESIA ABSOLUTA, O QUE É ISSO?

Quanto a leitor de poesia absoluta, parafraseando o divino peripatético, o demônio estagirista, ele não é leitor qualquer, mas quem é cultivado nessa matéria. Isto é, leitor apropriado, não com o conhecimento de emoção, mas sim com a emoção do conhecimento advindo da ação (recepção) da leitura complexa.

É que poeta absoluto se dirige às estrelas (numa ação sensata) e seu leitor penetra o cosmo do verbo total. É como que PA fosse leitura para “sophoi” (pessoas sábias ou devidamente esclarecidas).

A poesia deve ser um em si desconectada de qualquer emoção superficial, a nível da pele. Algo em si, portanto, fora do âmbito do eu (banal e facilmente corruptível).

As reitoras suscetíveis de balizar as virtudes da poesia absoluta são o poder metafórico do verbo e o futuro da palavra.

Insubmissa é a vida da palavra da poesia que exacra leitor fraco, zumbi do facebook. Pois poesia absoluta tem a ver com a vida humana e tem haver de porvir do próprio homem.

A palavra não resiste submetida a escanções automáticas, submissas a ordens gramaticais infames e milenares. A palavra existe na PA (que dirige a decisão). O leitor absoluto deve ser o singular portador do facho intelectual (hoje tão apagado). Ele deve ser o si reflexo do mundo total (humano e atual) e carregar em si a responsabilidade poética de interrogar e resolver o mundo (o todo, inclusive ele) com um lápis e a mão (porque o homem é um sinal – e a vida semata).

Antes de tudo, o leitor deve sobrepujar a coação da poesia dominante há mais de cem anos (e que não veio para ficar).

A perspicácia (e insistência) da incerteza do sentido é fruto da perspectiva do leitor, em sua pertinácia de ser, além de qualquer letra ou espírito pobre. Eis onde reside a peripécia do leitor que se quer absoluto. Que une a consciência em si com a consciência de si, na empresa (ou aventura) da poesia absoluta. Do épico ao trágico e ao ético, se desdobra tal ato lírico por excelência de empreender o poema absoluto.

LEMBRAR PAULO

Vital Corrêa de Araújo

Antes de lembrar Paulo Bandeira da Cruz, o Poeta, tão recitado que guardava livros na memória, para não ser flagrado lançando-os no papel, suporte pouco nobre para a poesia, falo sobre o homem público, que brevemente conheci.

Além de advogado, emérito tributarista, perito em advocacia empresarial, jurista, com vários livros de direito, alguns publicados, outros com mais de uma edição, como o CISÃO DE SOCIEDADES NO DIREITO TRIBUTÁRIO, edição Saraiva – 1981, Paulo era uma usina de ideias culturais, criador de movimentos, jornais literários, revistas, livros coletivos, e um animador ímpar de encontros, de grupos e de ações artísticas.

A crédito de Paulo Bandeira: o Movimento POETAS DA RUA DO IMPERADOR, que ele idealizou, batizou, organizou, lançou (através do Jornal do Commercio), e manteve as colunas BÚSSOLA e ROL E LUPA, em jornal recifense; foi fundador dos movimentos FANDANGO e GERAÇÃO DO PÁTIO; criou concursos de poesia e fundou a Academia Pernambucana de Copos e Letras – APCL, em uma mesa do Bar Banguê, numa sexta-feira de 1986 (26 de setembro), no Pátio de São Pedro, cujos estatutos ele elaborou, estabelecendo que cada acadêmico escolheria uma bebida como patrono e escreveria um panegírico. O presidente de honra, à revelia, era Antônio Houaiss, Ministro, à época.

Uísque, cerveja, vodka, rum, conhaque, aguardente, vinhos, hidromel, gim, campari, entre outros, figuravam como patronos da APCL, criada por Paulo.

A grande polêmica foi a aceitação ou não da água de coco na Academia.

O patrono da cadeira nº 2, a de Paulo, era a cerveja, a quem ele fez um belíssimo elogio, declarando-se empossado e lavrando o termo respectivo no livro nº 3 de atas da Geração do Pátio.

A cadeira nº1, Paulo reservou ao seu pai literário e amigo de quatro décadas, o poeta escocês e sirinhaense, Edgard Powell, que adotou, obviamente, o uísque como patrono.

A mim (VCA), coube a cadeira número 3, cujo o patrono foi a VODKA (bolchevique), e o indefectível “NASDRÓVIA”, para o brinde.

Toda essa atividade abarca não mais de três anos.

Além de poeta, de fina e vasta obra séria, de sonetista inestimável e forte influenciador de gerações, Paulo foi contista e pintor.

Sobre a poesia breve nota torna-se necessária.

Era característica de Paulo o uso singular de sintagmas, em conjunções imprevistas, imprevisíveis, mesmo insuspeitadas, chocantes e geniais bodas de palavras díspares, pela magia do poeta reunidas no altar do soneto: dália de câibras, alma de cócoras, garupa de alecrim, tordilho d'água, lençol de claraboia e mão de truque, mormaço de algodão, talco de cisne, prado de crochê, paiol de abelhas, cutelo de jasmim, hóstia de ferro, algemas de sigilo, pó de estrelas.

Outra marca poética de Paulo era a infância como lócus da poesia, percorridos que eram os sonetos de personagens como Chang, Cinderela, Fantasma, Peter Pan, Mandrake, Tarzan, Soldadinhos de Chumbo, Pedro Malazarte, Trancoso, Princesas, Gata Borracheira, Alice, Branca de Neve, Pinóquio, Fada Madrinha, além de menções a jogos infantis como Roda, Cirandinha, Manja e Pega, para referir apenas meia dúzia de sonetos.

De Paulo, erótico, basta: Quem sabe na paisagem açucarada / do busto até o córrego de ventre / a flor que se inaugura tatuada / se dê ao puro-sangue da semente?

De Paulo, emocionado, com as mortes trágicas das garotinhas Erika e Bianca, em soneto à Raquel Di, sua filha: Na curva do silêncio Deus sentado / só espera que a flor tranque o momento / porque chegada a hora do encantado / o corpo vai deixando o monumento. / Eu penso que o anjo bom estava manco / quando escondeu as duas e o tamanco / de nuvem que Pinóquio pôs na estrada.

Mas Paulo se foi, chegada a hora do encantado, que o tempo é de tristeza e há um Deus no pasto, como em perfeitos sonetos ele plasma, não só sua vida, mas seu epitáfio.

E Paulo foi para a Morte (a Dama Inglesa), de veste preta do poema com seu soneto predileto e roupa inaugural de precipício, pronto e reto, como ele sempre esteve na vida.

E a Morte veio para Paulo com seu punhal de gelo e macadame, com sua mão de gaze e olhar de arame, no seu "medonho ofício", convidar o poeta para as passagens.

E Paulo, agora, repousa, no azul de outros espaços, vestido de outro corpo e outra medida, ressuscitado em voo noutra vida, como em magnífico soneto anunciava, firme em seu credo humano.

E é com emoção funda e estranha que relembro Paulo Bandeira da Cruz (ou Paul Drapeux de la Croix) como ele gostava de dizer, e relembro seus sonetos, avalio o imenso poeta que foi, escritor do todo, de uma inteligência ímpar, brilhante, espiritualista, tão crédulo e bondoso que foi utilizado e explorado por muitos.

TWO BEERS OR NOT TWO BEER*

Paulo Bandeira da Cruz

Lourinha suada, frasco escuro
é preciso entorná-la de mansinho
entre um e entre outro colarinho
ao ar livre e, se possível, em dia puro.

Não há mistério nem segredo na cerveja.
Todo dia é santo dia de sorvê-la
sem esquecer, porém, de armar o nó:
invente, crie, procure a companhia
que a cerveja fica choca quando é só.

Em homenagem, portanto, à Academia
de Copo sempre cheio e Letra rija
acolho o patrocínio da cerveja
ergo um brinde ao homem sério que verseja
e ao sagrado lugar onde se mija.

*soneto-panegirico à cerveja, que Paulo escreveu no Pátio de São Pedro, em 29.09.86, como condição (e tese) para ingressar na Academia Pernambucana de Copos e Letras (APCL)

À

À nada de tudo
à inutilidade do desuso
à vaga quintessência do humano
ao vácuo que Deus deixou atrás de Si
a prosperar como a treva
que se crava no olho do homem
ao vazio que (a)o homem alimenta
(com arrogância e perícia)
à vacância absoluta que nos racha
à suspensão do íntimo (ou sua publicação)
ao teho o vastíssimo
abismo do nada
em que sepultamos o ânimo
em que mergulhamos a alma

ao nada e a seus predicados ínclitos
ao eterno vazio do ser
a mim (então).

Não o ilumina lume do músculo
os traços do rosto tornam-se líquidos
(pois a infidelidade espreita brutos)
despedaça as tábuas do instante o peso do tempo
desembarcam nos dunquerques de Bizâncio títeres
a urnas fúnebres dedica cinzas
ao intestino íntimo entrega
sílabas de fúria
e júbilos colhe
da safra de penumbras

e gregos loucos empunha como verbo.

VAI DE VAIDADE

Narciso se desnuda de si mesmo
a morte pela água é seu maior triunfo
vitória afogada da vaidade sôfrega
em beber-se venceu (n)a vida
seu reflexo é o último eco ato do mundo
ao olhar-se urde espelhos aquosos
como relógios (à Dali supremo)
limas criselefantinas aplica
às minúcias de seu rosto náutico
a cinza de seu sorriso lasso
o pó de sua alma pátina do espírito
etecétera.

Veias em que navega o lume
escuros que atravessam o espírito
dos ígnios círculos que a água engendra
pelo alento (de pedra) de Narciso movida
a reverberação do concêntrico atinge
a arrebenção do rosto
a iluminar o poro do pano
até à têmpera do lençol
que escuridão erija
à espera de que olhar imole-se
a cada tristeza que se instancie ou instaure
ou sulco selvagem que à face cavalgue
ao lado da agonia da cútis remendada
rosto liquefazendo-se perfeito
na construção do ídolo vaidoso
como algo a espiralar como coleira
ou encaracolar como surpresa
ou cavalos soltos nas haras
súbitas dos sábados narcísicos:

